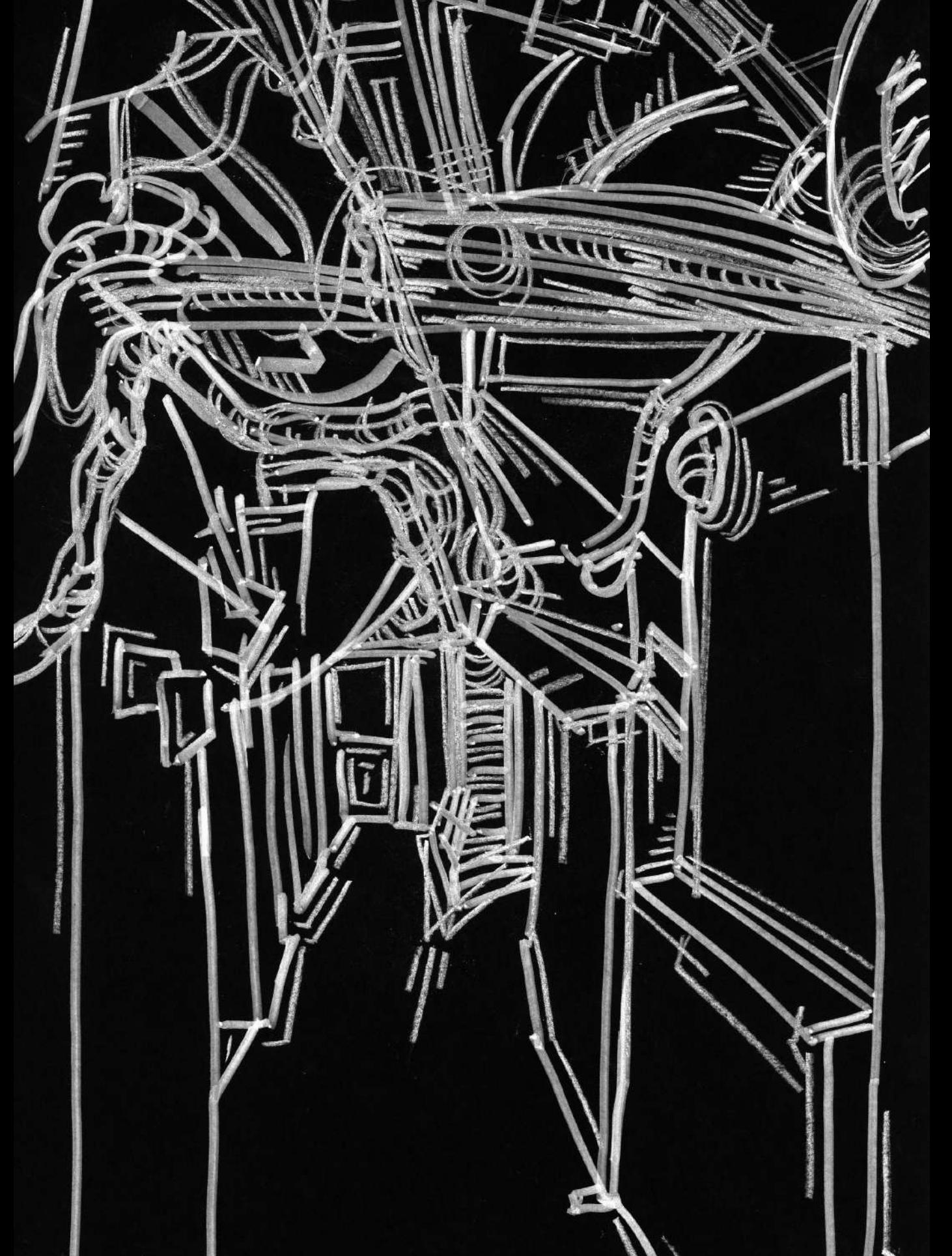


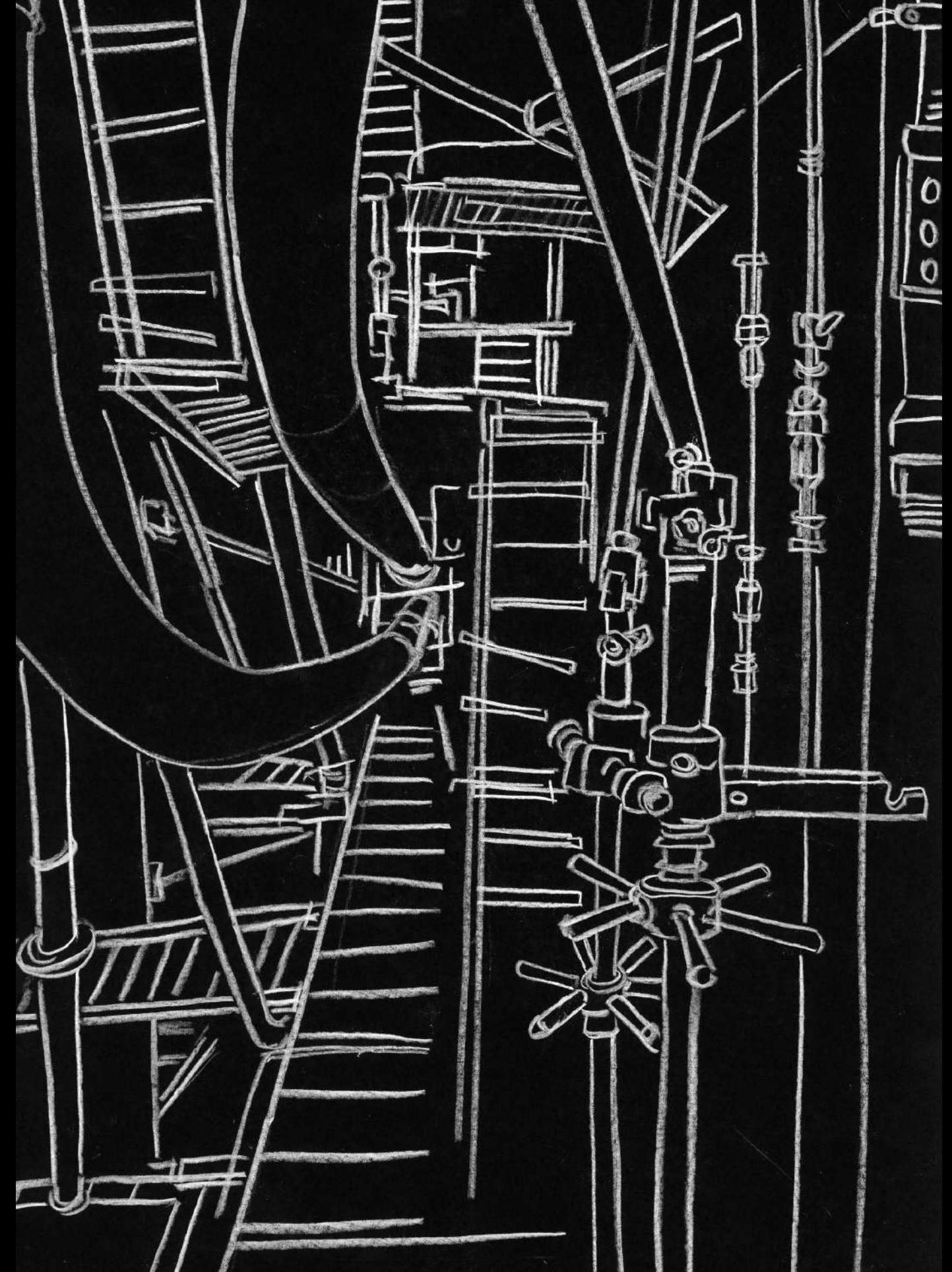


Suspensão

Victória Wendling



1

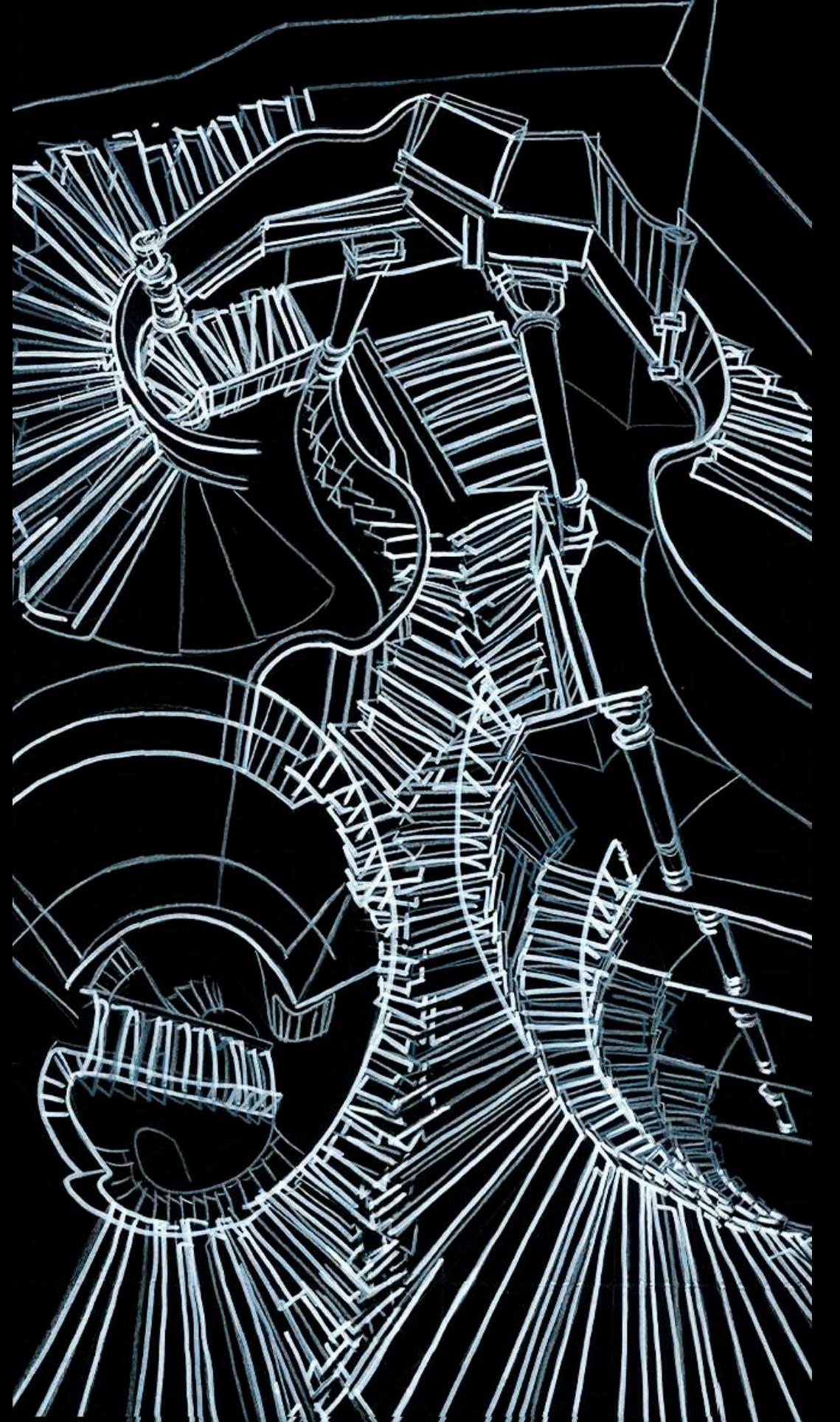


2

I. (...)

II. Qualquer movimento exige a dissolução do anterior para que haja sempre apenas um - um único traço repetido sem precisão num campo de esquecimento. Eu não lembro de onde estive antes assim como não lembrarei de onde estou agora. Se já encontrei esse lugar centenas de vezes, não há nada que me faça reconhecê-lo agora. Se nunca estive aqui, o lugar me atravessa como uma memória funda de algo que nunca aconteceu. De fato, eu nunca estive aqui. Não sei exatamente como encontrar o aqui e é apenas por convenção que assumo estar nele. O aqui é tão pontual que me escapa pelo menos por alguns centímetros - pequena diferença que me condena a restar, imprecisamente, lá, quase aqui - o quase é o estado padrão desse lugar.





III. Progressão em desalinho: A linha incapaz de uma forma limpa tenta mais uma vez atingir a forma e atinge sua condição que só existe como desvio. O ato não alcança a si mesmo de ponta a ponta, na metade se desfia progressivamente. Telefone sem fio de fios cruzados - o subproduto da mensagem tão repassada é um empilhamento de cascas descartáveis, um emaranhado de incompletudes. O original de cada cópia é somente a cópia que veio antes dela e, enquanto a cada repetição a referência se desloca em ecos, apenas uma memória muscular sonâmbula segue, em espasmos, repetindo deteriorações progressivas. O excesso é a face visível dessa precariedade frenética que tenta, em vão, negar-se.

IV. O perímetro desse espaço não barra o exterior, ele atua somente na medida em que melhor o concentra e faz da dispersão algo claustrofóbico. Eu não conheço os movimentos que me sujeitam, qualquer deslocamento não resulta da minha intenção e sim do atravessamento incessante dela por algo que me escapa. Eu mesma escapo, sem sair, e avanço pelo espaço sem estar prestes a entrar em lugar algum, parada no meio de uma sonolência de chumbo.



V. Não importa o quanto vasto pareça esse lugar, a falta de uma saída me sufoca. Ele não é, ao contrário do que possa parecer, o contraponto interno a algum exterior. Eu não estou do lado de dentro e não saberia dizer em que consiste um lado de fora. A suspensão só se sustenta porque não faço perguntas. Se as fizesse, ela tornaria-se insuportável. Em silêncio sou acolhida por um jogo de espelhos erguendo salões intermináveis ao meu redor e assim distraindo meu desejo que quer, acima de qualquer objeto, um espaço ilimitado para si, a maior distância possível de qualquer limite. O excesso é a canção de ninar para a clausura. Essa melodia suave se alastra pelo vazio, de cada canto emana um con-

vite:

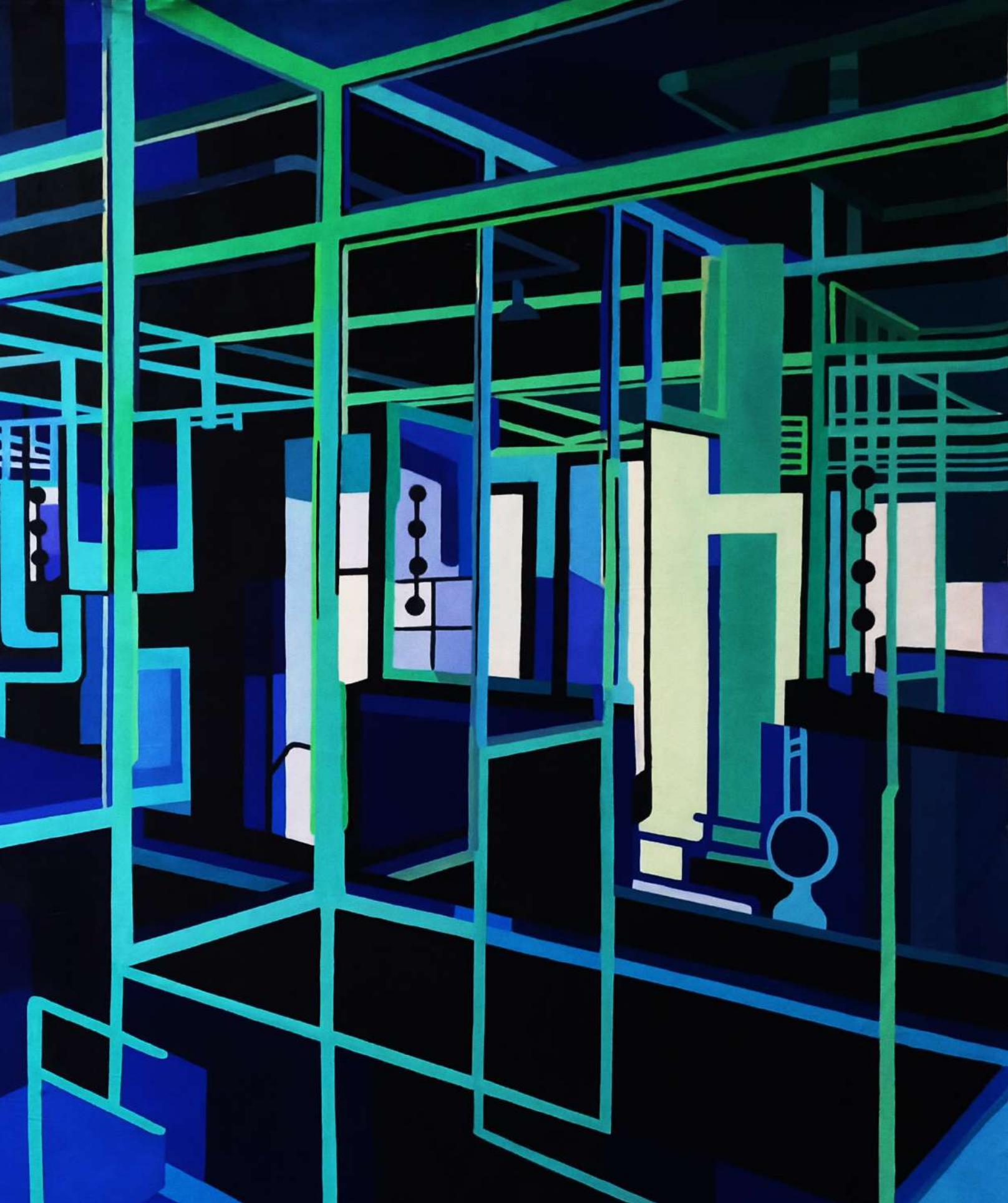
Venha.

Aonde?

Aqui,

em um coro de ecos intraçáveis à origem.

Nada acontece aqui. O espaço promete o que não pode cumprir mas a honestidade nunca foi sua função. A esterilidade lisa que nada entrega, ao contrário de um defeito, garante a insinuação de todas as possibilidades. A calmaria se sustenta enquanto eu nunca tente fugir daqui.

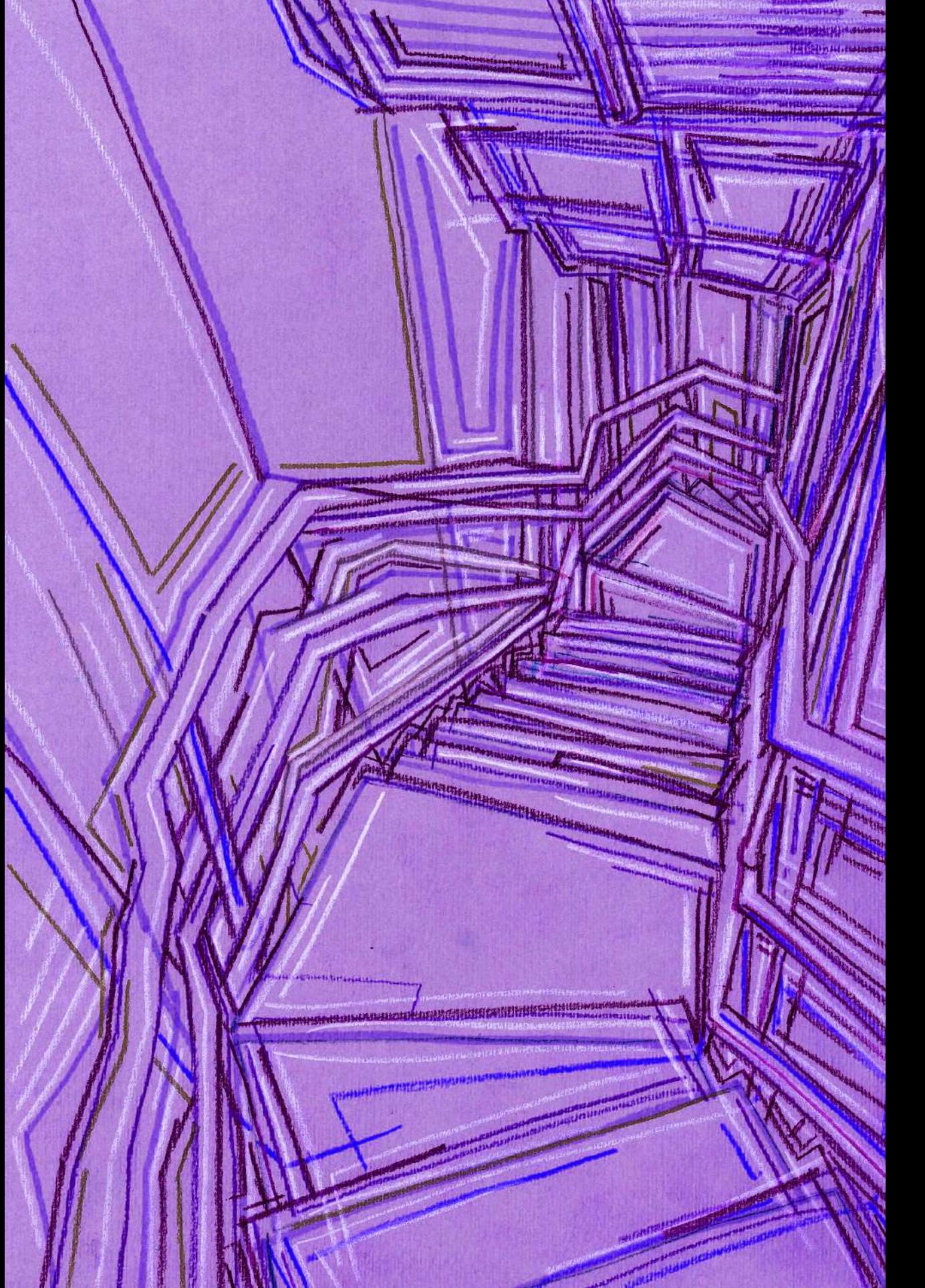




VI. Isto não passa de um cubículo. Um bem grande, apenas. Um que me dificulta distinguir o que é parede do que é passagem, e o que não é nenhum do que são ambos. Ele é somente tão largo quanto minha própria desorientação.

VII. As cópias distorcem-se progressivamente até alcançarem o fundo da imagem e meu olhar persegue a menor delas em sua fuga. Sem me mexer extraio dela o prazer de ir longe demais. O entorno que envolve a última cópia é familiar, ela retorna o meu olhar partindo de um ponto que se parece onde estou mas que já não é lugar algum. O meu último reflexo já perdeu meu rosto, é apenas a escuridão no subterrâneo da imagem vestindo uma máscara de pele e me olhando com meus próprios olhos. Detrás da camada plástica e brilhante ela respira, embaça o avesso da superfície com seu hálito até formar uma estufa atrás da imagem.





9



10



VIII. A membrana brilhante é preciosa - através dela a imagem com cuidado ergue sua face apresentável. Ao seu lado, um desfiladeiro, a escuridão - o estômago da imagem que envolve no seu caldo os corpos sem versão apresentável de si. Corpos pressados para o fundo e mantidos à margem da fantasia. Incapazes de comporem uma forma singular, tomam emprestado o corpo distendido da noite para compensar o corpo que lhes falta. O escuro não exige uma forma final. Ele perdoa a incompletude e a preenche, derrete-se sobre as massas sem lugares reservados para si e as aglutina em um único membro excessivo, bloco de defomações comprimidas e ramificadas. A existência nos fundos da imagem é precária e de longe eu intuo as presenças oscilantes, ocas.

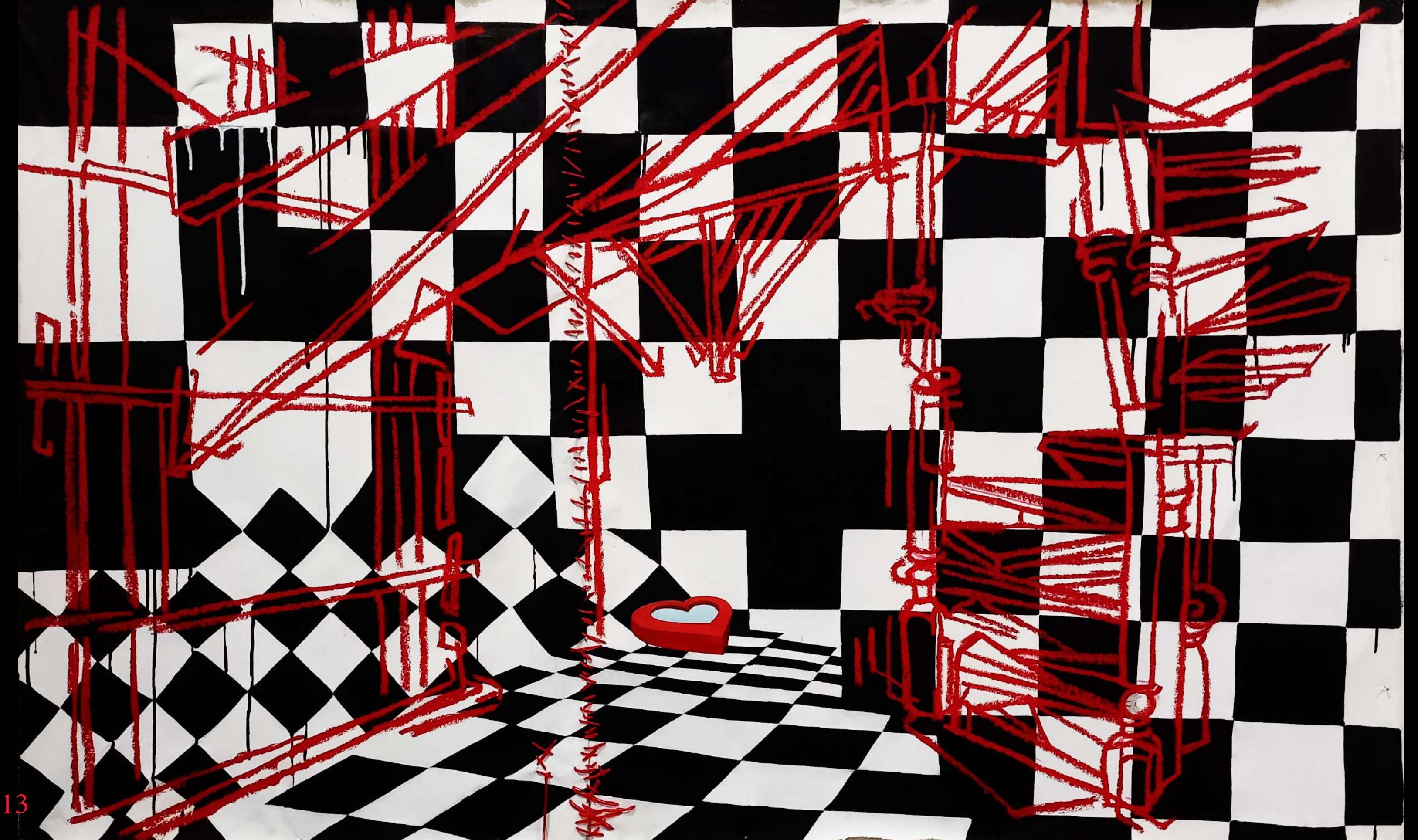


IX. Um espaço tão precário disfarça-se constantemente. Ele toma qualquer forma a não ser aquela em que realmente consiste e eu, que há tanto tempo vago por ele até confundir meu ser com o entorno, nunca vi seu rosto. O lugar onde estou é perverso? Eu não sei. Ele nunca me deixaria saber. Eu só o conheço por sua intenção fabricada, seu propósito de me desviar. Se eu tropeço em um desencaixe de seu disfarce e começo a cair, ele oferece-me uma cadeira e então me segura para que, sentada, eu continue caindo. Se começo a tatear por uma forma sólida, sou puxada de volta até o miolo da sua face brilhante. Um novo brinquedo não estava ali antes, um brinquedinho assombrado e débil. A água é limpa. É tão limpa. E morna também, para que qualquer dúvida seja amenizada.

X. Minha ingenuidade é pensar que o horror carrega uma cara horrível. Que mal profundo seria tão honesto sobre si a ponto de dar-se a conhecer na primeira impressão?

XI. O silêncio não revela que antes houve uma festa aqui. Eu nunca compareci. Eu não conheci ninguém. Parece que foram embora, mas assim que dou um passo, eu tropeço neles. Isso é o que sobrou, o que não puderam levar consigo porque nunca lhes pertenceu: O perfume oleoso impregnado na inconsistência de um holograma; a fantasia oleosa impregnada de um convite pessoal. Um alívio de segunda-mão. Os farrapos de falências restam sobre o chão como tiras de pele sem nenhum órgão por trás, furtos de sobras alheias que estalam e rangem nas fendas, mal articulados, estranhos uns aos outros. As imagens justapostas oscilam em seu desencaixe trêmulo, erguem construções que de tão falsas desmoronariam se a menor pressão lhes fosse aplicada.

XII. (...)



Ficha Técnica

1. *Sem Título (corredor com fios elétricos)*, 2022

Lápis branco e caneta sobre papel

30 x 21 cm

2. *Sem Título*, 2022

Lápis branco e caneta sobre papel

30 x 21 cm

3. *Dormência*, 2023

Acrílica e bastão à óleo sobre tela

174 x 140 cm

4. *Escadas*, 2022

Lápis branco e caneta sobre papel

39 x 21 cm

5. *Espaço Vermelho*, 2023

Óleo sobre tela

210 x 375 cm

6 e 7. *Espaço Azul (detalhes)*, 2023

Óleo sobre tela

185 x 164 cm

8. *Sem título*, 2022

Lápis sobre papel

30 x 21 cm

9. *Sem Título*, 2022

Lápis e caneta sobre papel

30 x 21 cm

10. *Sem título (sombras)*, 2022

Lápis sobre papel

30 x 21 cm

11. *Plástico*, 2023

Óleo sobre tela

154 x 110 cm

12. Quarto de aluguel (detalhe), 2023

Óleo sobre tela

100 x 280 cm

13. Quarto de Hotel com Banheira de

Hidromassagem, 2023

Acrílica, óleo e linha sobre tela

145 x 190 cm

Bibliografia

PALLASMAA, Juhani. *A Imagem Corporificada: Imaginação e Imaginário na Arquitetura*. São Paulo: Bookman, 2013. 151 p. ISBN 9788582600818.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*.

2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 242 p. ISBN 9788533624191.

BLANCHOT, Maurice. *L' écriture du désastre*. Paris: Gallimard, 1980. 219 p.

VIDLER, Anthony. *Warped Space: Art, Architecture and Anxiety In Modern Culture*. Cambridge: MIT Press, 2001. 301 p.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2008. ISBN 9788530802918.

RANCIÈRE, Jacques. *The Future of the Image*. London: Verso, 2009. 147 p. ISBN 9781844672974.

RANCIÈRE, Jacques. *O Espectador Emancipado*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 128 p. ISBN 9788578275594.

MOHOLY-NAGY, László; HAUS, Andreas. *Photographs and Photograms*. New York: Pantheon Books, 1980. ISBN 0394504496.

BALLEN, Roger; YOUNG, Robert. *Ballenesque: Roger Ballen: A Retrospective*. 1. ed. London: Thames & Hudson, 2017. 336 p.

LYNCH, David; MCKENNA, Kristine. *David Lynch: Someone Is In My House*. 1. ed. Alemanha: Prestel, 2021. 320 p.

SUSPIRIA. Direção: Dario Argento. Produção: Claudio Argento. Itália: Seda Spettacoli; Produzioni Atlas Consorziate, 1977. 99 min.

MULHOLLAND DRIVE. Direção: David Lynch. Produção: Alain Sarde; Mary Sweeney; Neal Edelstein. Estados Unidos; França: Les Films Alain Sarde; Le Studio Canal +; Assymetrical Productions; Universal Pictures, 2001. 146 min.

THE HOURGLASS SANATORIUM. Direção: Wojciech Jerzy Has. Polônia: Zespół Filmowy Silesia; Film Polski, 1973. 119 min.

STREET OF CROCODILES. Direção e produção: Stephen Quay; Timothy Quay. Reino Unido, 1986. 21 min.

HOTEL MONTEREY. Direção e Produção: Chantal Akerman. Estados Unidos, 1989. 62 min.